

Figueira da Foz

REGIÃO DAS BEIRAS

Livro homenageia pescadores mortos no mar

Memórias “Naufrágios de gentes minhas”, de Kim-Zé Carvalho, fala das tragédias, da cultura e da fé de quem vivia do mar

Bela Coutinho

“Naufrágios de gentes minhas” vai dar à estampa ainda este mês. O livro é da autoria de Kim-Zé Carvalho e fala sobre alguns naufrágios que “roubaram” a vida a gentes de Buarcos, de sobreviventes, de como era a vida no mar e de alguns segredos fechados a sete chaves pelos pescadores. «Nasci numa família de pescadores, em Buarcos e, desde pequeno, estou ligado aos naufrágios, à morte, ao negro. E todos me marcaram, mas um particularmente», disse ao Diário de Coimbra.

Kim-Zé era ainda garoto, quando ouviu falar «de uma lancha que não acudiu à outra», porque os mestres «andavam aborrecidos». Resultado: oito pescadores mortos. Na altura, a comunicação social deu a notícia e o autor do livro foi investigar, colher depoimentos e escreve sobre esse caso como «forma de os homenagear. A esses e a todos os que vão morrendo nas águas e não têm sepultura, que é uma mágoa para toda a gente».

Mas há mais histórias, como a do navio bacalhoeiro “João Costa”, que naufragou em 1959, ao largo dos Açores e «onde aconteceu um milagre. 74 homens andaram na água uma semana, chegaram a pensar



Kim-Zé Carvalho homenageia no livro os pescadores mortos

matar um para se alimentarem e até urina beberam para sobreviver. Foram uns heróis e só se salvaram pela grande relação com o mar», diz, recordando que, naquela época «não havia tempo para se ser criança. Aos 8 anos já iam ao mar, com res-

ponsabilidades a bordo. Cresciam e morriam juntos e havia um espírito enorme de solidariedade». E conta ainda a do naufrágio da “Nova Leirosa”, à entrada da barra, em que morreram 14 homens. «Esse, eu vi, estava na praia», refere.

Mas o trabalho de Kim-Zé tem outras “particularidades”, pois é escrito «na linguagem arcaica dos avós. Parecem erros, mas não são e, em Buarcos, os mais antigos, ainda falam assim», diz, apontando como exemplo o «andar de ranchas»; que é como quem diz, zangado. E explica porque levava o seu avô uma caçadeira para a pesca do bacalhau. «Sempre me intrigou e descobri que, o melhor isco eram os pássaros. Lançados nos pequenos dórís, os pescadores com os remos, matavam as aves que andavam em volta deles para isco. O meu avô, com a caçadeira, matava mais...», recorda. E aborda a relação que os pescadores criavam com os esquimós, “trocando” informações, por aguardente «que eles – esquimós - adoravam». O livro vai ser lançado no Casino Figueira, que patrocina a obra. ◀

Obra tem prefácio do padre Carlos Noronha

O livro de Kim-Zé tem prefácio do padre Carlos Noronha e debruça-se também sobre a fé, que, a muitos, «permitiu que se salvassem. Pedem tudo à Senhora (N.ª Sr.ª da Encarnação). E são felizes mesmo na sua po-

breza, porque são seres humanos construídos na fé», diz o autor, impressionado sobre a forma como, na pesca do bacalhau, se fazia o funeral de algum homem que morresse. «Na minha terra, para os homens, ha-

via dois cemitérios, o de Buarcos e o mar». Um trabalho feito «com muito amor que, acima de tudo, pretende homenagear os pescadores de Buarcos e do país que têm como cemitério, as águas do mar». ◀